

DILUÍNDO FRONTEIRAS - UMA AÇÃO DA MATÉRIA

Sarah Hallelujah Vicentini de Sampaio Mestranda em Processos Criativos nas Artes Visuais da PPGAV/EBA/UFBA

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o projeto Diluindo Fronteiras, obra ainda em processo, que aborda questões referentes ao espaço geográfico e simbólico, e onde a matéria água surge como metáfora de território. Através da realização de ações e/ou intervenções ambientais em lugares específicos, a relação do ser humano com o espaço, atuando simbólica e metaforicamente na configuração de novos territórios e na possível diluição de fronteiras, assim se faz imprescindível a abordagem e definições de conceitos como espaço geográfico, território, lugar e paisagem.

Palavras chave: Ações, espaço geográfico, território, fronteira e água

ABSTRACT

This article presents a reflection about the project Melting Boundaries, a work still in process, wich deals with issues referring to the symbolic and geographic space, where the water as a substance emerges as a territory's metaphor. By executing artworks and / or environmental interventions in specific places, the relationship between the human being and the space can be considered, acting symbolically and metaphorically in new territories' configuration, and the possible blurring of boundaries. Thus the approach and definitions of concepts such as geographic space, territory, place and landscape become essential.

Keywords: artwork, geographic space, territory, boundary and water

Matéria: objeto e espaço geográfico

Quando iniciei a minha pesquisa de mestrado o meu trabalho se resumia na realização de intervenções ambientais em espaços de natureza aquática (rio, mares). A ação consistia na "entrega" de pequenos objetos em cerâmica congelados nesses "espaços aquáticos", o objetivo era a perda desses objetos, o deslocamento para um posterior desaparecimento, o trabalho tencionava no limite da instauração do trabalho artístico.

Como resultado dessas ações, através do seu registro, realizei a obra Degelo, que foi exposta e premiada no Salão Regional de Artes Visuais em Itabuna. Esse trabalho, composto por quatro fotografias ampliadas em películas transparentes coladas sobre placas de vidro, que ficavam penduradas no teto através de um cabo



de aço bem fino, isso fazia com que as imagens da ação remetessem a própria ação, essas fotografia "flutuavam" no espaço expositivo, e as imagens, pela sua transparência, traziam uma ambigüidade na sua compreensão, elas se sobrepunham ora com o espaço expositivo, ora com as outras imagens, e isso fazia com que também a imagem fotográfica se perdesse, ou pelo menos o entendimento do que estava registrado ali.



Figura 1 – Degelo, 2008, obra premiada no Salão Regional de Artes Visuais de Itabuna/BA

Durante a exposição, observando o trabalho, discutindo sobre ele, a questão da matéria ficou ainda mais forte. Ao observador que contemplava o trabalho, em um primeiro momento, era muito difícil o entendimento do que estava sendo exposto ali: que imagem era aquela? Que objetos eram aqueles que flutuavam sobre as água? Essas questões foram recorrentes em uma ação educativa que tive a oportunidade de fazer dentro da programação do Salão de Arte Moderna da Bahia em 2008. Quando o público teve a oportunidade de ler o título, Degelo, algumas dessas questões foram sendo desveladas. Assim pude perceber a relação intrínseca e contundente que a matéria tinha em todas as etapas da obra: da confecção dos objetos à realização das ações e intervenções, e também na exposição e apreciação dos registros.

A matéria que utilizo na confecção dos objetos a serem congelados é o barro, a argila, ela foi o fio condutor de todo o meu trabalho. Mas esse barro é queimado,



portanto torna-se cerâmica, permitindo que esse objeto seja congelado em um recipiente com água sem que se dissolva, e que após se perder, no mar ou no rio, também permaneça como objeto. Na produção desses objetos para a instauração do trabalho a matéria se sobrepõem em importância à forma, sendo que trabalho sempre com formas recorrentes de seres e organismos imaginários mas não me adentrarei na reflexão dessas formas aqui neste estudo. Limitarei-me a uma reflexão da matéria utilizada na produção dessas peças.

A argila, o barro, são elementos constituintes da terra, provenientes de um lugar específico, no meu trabalho são pensados como metáforas de espaço geográfico, definidores de um lugar, a argila entra na concepção de toda a realização da ação por possuir, conceitualmente, uma importância na obra não apenas como material, sujeito à manipulação, mas também e principalmente por haver constituído o solo de uma determinada região. A obra degelo, por exemplo, foi feita a partir da argila de Maragogipinho, comunidade produtora de cerâmica localizada no interior da Bahia, as margens do rio Jacuípe. Houve um deslocamento da matéria, um trânsito de território. Um lugar emblemático na produção de arte popular da Bahia, que através dessa intervenção ambiental, foi metaforicamente deslocado e descolado para a Bahia de Todos os Santos.

Até então a matéria é a argila/cerâmica e o espaço é a água, mais precisamente as águas do mar da Ilha de Itaparica. Lugar este que foi ponto de parada, no passado, de Saveiros carregados de "louças de barro" a caminho da capital baiana. Dessa forma procuro pensar o espaço também como matéria, já que ele entra também como elemento constituinte na instauração da obra. Esse não pode ser um espaço qualquer, afinal ele caminha diretamente em direção ao núcleo de essência do trabalho, ele é um espaço repleto de sentidos, para mim, para a história do lugar, para a existência da matéria, etc. O espaço pode ser escolhido para a realização das ações¹ por diversos motivos, mas sempre terá um sentido, uma relação específica na construção e para a compreensão da obra.

Diluindo Fronteiras surgiu quando essas reflexões se intensificaram a partir de uma atividade solicitada para o cumprimento de uma disciplina no mestrado em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia.



Inicialmente desenvolveríamos o projeto de um trabalho a partir de uma idéia de "pedra". Acredito que por estar impregnada pela idéia de objetos ou matérias constituintes ou que fazem parte de um lugar, e o fato de isso ter extrema importância na minha pesquisa escolhi uma pedra que foi deslocada do seu local de origem, pensei em uma pedra que foi trazida para mim do Rio Grande do Sul, mais precisamente do município de São Borja, ela foi retirada das margens do Rio Uruguai, rio este que faz fronteira do nosso país com a Argentina.



Figura 2 - Vista da margem do rio Uruguai(São Borja/RS) e ponte que liga Argentina e Brasil

Assim fui em busca da História da pedra, foi quando me surgiram as questões: De onde ela veio? Que lugar é esse? Onde fica? O que significa ser fronteira ou TER FRONTEIRAS?

O fato de essa pedra haver sido retirada de um rio de fronteira tomou para mim um significado muito forte. Pensar o espaço já é uma característica inerente ao meu trabalho, pois é nele que a obra acontece, são em determinados espaços que a obra surge. A pedra "escolhida" para a concepção do projeto, já era de um espaço, não havia há necessidade de colocá-la em outro lugar, essa pedra, que rolou no percurso de um rio que delimita fronteiras, me veio como metáfora de território, como se ela pertencesse àquele lugar e ao ser retirada, é como se estivesse retirando uma parte do espaço, uma ínfima mas importante parcela fosse deslocada para um outro lugar, e a partir disso pudesse, simbolicamente, deslocar esse território, e desintegrar a idéia de fronteira.



O projeto não era somente o deslocamento da pedra, mas surgiu a partir desse gesto. Seria feita uma fôrma dessa pedra, e a partir dessa fôrma fazer pedras de gelo com água de outros rios, é como se utilizasse a forma da pedra, do rio Uruguai, como um veículo do conceito de fronteira. Diluir fronteiras a partir da produção de pedras de gelo com águas de rios diversos que fazem fronteiras do Brasil com outros Países, sabendo que a maioria das fronteiras são delimitadas por rio, eles funcionam como uma espécie de barreira natural na divisão territorial, é como se a água que banha as margens de um país não banhassem as margens do outro país. Para a água não existem fronteiras, justamente elas permeiam e perpassam por tudo, tem o poder de invadir e até de destruir territórios.

Nesse viés não serão apenas as águas que se misturarão, mas metaforicamente buscarei diluir fronteiras, misturar territórios através dos materiais que os compõem.

Conceitos diluídos

Seguindo por esse caminho, onde trabalho operando a idéia do trânsito de materiais e conceitos, ações que buscam, metaforicamente, criar uma espécie de deslocamento de território, onde espaços possam se misturar e até se fundir a partir dos seus materiais, pensando uma relação entre matéria, ser humano, espaço geográfico e espaço metafórico. Se faz contundente o entendimento de alguns desses termos que aparecem de forma recorrente neste texto. Para isso busquei alguns trabalhos de geografia que definem esses termos.

Segundo a autora Dirce Maria Antunes Stuertegaray: "a Geografia como área de conhecimento sempre expressou (desde sua autonomia) sua preocupação com a busca da compreensão da relação do homem com o meio (entendido como entorno natural)". Penso que quando proponho discutir sobre espaço, geográfico, território, faz-se necessário recorrer à definições da geografia, principalmente quando o trabalho tenciona também para a relação do ser humano com o espaço.

Milton Santos (1997) define espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que é:

"não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos fazendo



com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina." (SANTOS, 2006)

Esse conjunto de sistemas, como diz Santos, não funcionam isoladamente, o espaço se dá a partir da relação de ações, objetos e o ser humano. No momento em que as ações são realizadas, é como se fosse criado um novo espaço, outro espaço: simbólico, metafórico, mas que não deixa de ser o espaço anterior, geográfico, predeterminado, um espaço na natureza. Tendo em vista uma separação entre homem e natureza onde o primeiro atua sobre o segundo tentando transformá-lo. Nota-se aqui uma distinção entre os espaços a serem trabalhados, partindo da idéia que o espaço urbano, construído pelo ser humano faz parte dele, é mais natural à ele por ter sido construído por suas próprias mãos.

"Desde sua autonomia enquanto ciência, a concepção de natureza veiculada pelos geógrafos constitui-se como algo externo ao homem. Natureza são os elementos ou o conjunto dos elementos formadores do planeta Terra, ou seja, ar, água, solos, relevo, fauna e flora. Esta separação constitui herança, como de resto nas demais ciências, das idéias de Descartes de separação entre natureza e homem, dessacralização da natureza, transformando-a em objeto e o homem em sujeito conhecedor e dominador desta." (STUERTEGARAY, 2001)

A idéia de "dominação", neste estudo é substituída por "relação", a partir da qual o ser humano atua neste espaço, modificando-o, reconfigurando-o, pensando em questões e conceitos que ele próprio constrói e destrói.

No espaço da ação, que é geograficamente definido, e o espaço das imagens fotográficas, que é um espaço metafórico, procuro pensar sobre o nosso "estar no espaço", que espaço é esse, como ele se configura, e como podemos modificá-lo, de como a matéria pode ser definidora do sentido de "estar no espaço". A matéria é parte constituinte do espaço, e proporciona que o ser humano se relacione de formas diferenciadas com o lugar que ocupa.

O lugar é outro conceito partindo dos estudos em geografia, segundo Stuertegaray: "Consistiria, a partir da Cartografia, a expressão do espaço geográfico na escala local; a dimensão pontual. Por muito tempo, a Geografia tratou o lugar nesta perspectiva e considerou-o como único e auto- explicável.", ela continua agora resgatando Milton Santos que define: "Lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartido entre as mais diversas pessoas,



firmas, instituições-cooperação e conflito são a base da vida em comum" (Milton Santos, apud Stuertegaray, 2001).

O lugar, que falo, seria como na primeira definição trazida pela autora a "dimensão pontual", o local específico: seja ele o rio Uruguai, Paraguaçu ou São Francisco, mas não excluindo a idéia levantada por Milton Santos de um "cotidiano compartido", ou seja, esse lugar, o lugar poético da metáfora, só se constrói a partir do compartilhamento de alguns elementos: a água, gelo, barro, rio ou mar, e a minha ação e relação com esses agentes. O lugar ou o espaço geográfico adquirem novas dimensões, não necessariamente territoriais, transforma-se em espaços de relações, a idéia de fronteira se perde a partir do momento em que a experiência poética se faz preponderante e busca tencionar e questionar a idéia de espaço geográfico e de território, mesmo que para isso se utilize conceitos geográficos tradicionais.

"Sob o conceito de Território, tratamos o espaço geográfico a partir de uma concepção que privilegia o político ou a dominação-apropriação. Historicamente, o território na Geografia foi pensado, definido e delimitado a partir de relações de poder. No passado da Geografia, Ratzel (1899), ao tratar do território, vincula-o ao solo, enquanto espaço ocupado por uma determinada sociedade. A concepção clássica de território vincula-se ao domínio de uma determinada área, imprimindo uma perspectiva de análise centrada na identidade nacional." (STUERTEGARAY, 2001)

Ou seja, trabalho com o conceito clássico de território, mas propondo uma quebra de paradigma, onde a partir de ações e intervenções artísticas, com a utilização de materiais provenientes da natureza (nesse projeto a água de rios) a idéia de território e consequentemente de fronteira sejam diluídas.

A concepção de território associa-se à idéia de natureza e sociedade, delimitando limites através do poder

"Contemporaneamente, fala-se em complexidades territoriais, entendendo território como campo de forças, ou "teias ou redes de relações sociais". Segundo Souza (1995), não há hoje possibilidade de conceber "uma superposição tão absoluta entre espaço concreto com seus atributos materiais e o território como campo de forças". Para este autor, "territórios são no fundo relações sociais projetadas no espaço". Por conseqüência, estes espaços concretos podem formarem-se ou dissolverem-se de modo muito rápido, podendo ter existência regular, porém periódica, podendo o substrato material permanecer o mesmo." (STUERTEGARAY, 2001)

Percebemos que o conceito de território não é algo estável, ao contrário, é mutável, a partir das relações que se tecem sobre ele. Pensar dentro dessa concepção sobre



território é o mesmo que desmaterializá-lo, ele deixa de ser algo concretamente definido ou demarcável e passa a fazer parte do campo das idéias, nesse projeto específico (*Diluindo fronteiras*) ele vai para o campo da arte, torna-se abstrato, efêmero, volátil, o que nos traz a idéia de desterritorialização.

Para Deluze e Guatarri:

"Física, psicológica ou social, a desterritorialização é *relativa* na medida em que concerne à relação histórica da terra com os territórios que nela se desenham ou se apagam, sua relação geológica com eras e catástrofes, sua relação astronômica com o cosmos e o sistema estrelar do qual faz parte. Mas a desterritorialização é *absoluta* quando a terra entra no puro plano da imanência de um pensamento." (DELEUZE, GUATARRI, p. 116, 1992)

A idéia de território para os autores é relativa, à medida que está sujeito a sofrer transformações, e continuam: "A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas afirma como a criação de uma nova terra por vir", a condição de flexibilidade na idéia de território é evidente, trazendo inclusive a possibilidade de uma "reterritorialização". Neste projeto os territórios não apenas surgem e desaparecem, mas também e principalmente, se deslocam e se misturam, há uma mistura entre os territórios, onde dois, ou mais, podem tornar-se um só, através da interseção dos seus elementos.

Matéria, espaço, corpo

A terra não é um elemento entre os outros, ela reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território. Deleuze e Guatarri

Partindo da idéia de desterritorialização trazida por Deleuza e Guatarri como foi colocada anteriormente, tanto o espaço geográfico como o território são mutáveis, flexíveis e cambiantes. Nesse viés o projeto *Diluindo Fronteiras* foi sendo repensado, e sofrendo alterações em todo o seu formato, o que faz nos aprofundarmos em cada elemento que o compõe como projeto.



Figura 3 - Ação realizada na praia da Ipióca em Maceió/Al, 2010 Foto: Shaula Maíra

Em primeiro lugar a idéia de fronteira foi sendo substituída pelo sentido de território, o rio não mais funciona como acidente geográfico delimitador, mas principalmente como espaço atuante. Desde sua nascente até a foz, o rio corre, banha, circunda e desvia, nasce em um território e deságua em outro, carrega consigo elementos de diferentes lugares e paisagens², ele é veículo na diluição de territórios, que não são demarcáveis. Ao mesmo tempo a água de um determinado lugar funciona no trabalho como elemento de um espaço geográfico específico, ela atua como emblema do território onde se visa o deslocamento ou diluição. O mesmo vale para o espaço escolhido para a realização da ação, que funciona como uma espécie de suporte e matéria na instauração do trabalho. E nesse espaço, o rio que as relações poéticas definidoras de novos territórios irão atuar.

A água por ser fluída traz essa possibilidade de mistura e de movimento, ao mesmo tempo ela é também veículo e carrega consigo elementos orgânicos como seres, microorganismos e inorgânicos como areia, pedras e cascalho. Neste projeto além de agir como elemento que faz parte de um espaço geográfico ou de um território, ela é o próprio território em si que acolhe os objetos e as ações, e por ser tão múltipla e flexível é que ela se faz elemento preponderante neste trabalho.

"Partindo da já mencionada inseparabilidade dos objetos e das ações, a noção de intencionalidade é fundamental para entender o processo pelo qual ação e objetos se confundem, através do movimento permanente de dissolução e de recriação do sentido." (Santos, 2006)

Espaço que é matéria e se confunde com ela, matéria que transforma-se em espaço, este trabalho funciona como uma rede intrincada de relações modificadoras e modificáveis, a partir da água, congelada ou não.



Figura 4 - Ação realizada na praia da Ipióca em Maceió/Al, 2010 Foto: Shaula Maíra

Existe uma dificuldade em definir o que é matéria e o que é espaço, porque um atua sobre o outro, o trabalho tenciona justamente no limite, na fronteira tênue que separam esses elementos, a matéria provém de um espaço e o resignifica, a matéria é espaço e é resignificada. Nessa relação entra o corpo como propulsor de uma ação, sem o intermédio deste a matéria água se perde, não é nada além do que água. A "função" do corpo na ação é também de veículo, sem o corpo, a ação não existiria, sem ação, segundo Milton Santos, o espaço não o seria,

"O espaço será visto em sua própria existência, como uma forma-conteúdo, isto é, como uma forma que não tem existência empírica e filosófica se a consideramos separadamente do conteúdo e um conteúdo que não poderia existir sem a forma que o abrigou. Partindo da já mencionada inseparabilidade dos objetos e das ações, a noção de intencionalidade é fundamental para entender o processo pelo qual ação e objetos se confundem, através do movimento permanente de dissolução e de recriação do sentido. A produção e reprodução desse híbrido, que é o espaço, com a sucessão interminável de formas-conteúdo, é o traço dinâmico central da sua ontologia." (SANTOS, 2006, p.14)

Dessa forma podemos pensar também que ação, matéria e espaço se confundem nesse trabalho, um depende do outro, e é através desta "noção de intencionalidade" que busco operar na realização de ações e intervenções, a intencionalidade provocar sentido, diluir fronteiras e deslocar territórios.

¹Ao longo do texto faço referências à realização de Ações e em outros momentos a realização de Intervenções, essa diferença foi definida por mim de acordo com a minha participação ou não nos registros. Entende-se como intervenção quando coloco as peças na água e fotografo a deriva das mesmas, e como ação quando realizo um gesto, previamente pensado, com um traje predeterminado, onde se faz necessária a minha presença nesse gesto de deixar ir, geralmente quando exponho essas fotografias o meu corpo esta presente na imagem.

² David Harvey (1980) em seu livro *Justiça Social e a Cidade*, aborda o espaço sob outra perspectiva. Num contexto dialético, vai conceber o espaço como sendo ao mesmo tempo, absoluto (com existência material), relativo (como relação entre objetos) e relacional (espaço que contém e que está contido nos objetos). Explicando, "o objeto existe somente na medida em que contém e representa dentro de si próprio as relações



com outros objetos". Importa também considerar que, para este autor, o espaço não é nem um, nem outro em si mesmo, podendo transformar-se em um ou outro, dependendo das circunstâncias.

Referências

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006.

STUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico Uno e Múltiplo. Revista Eletrônica de Geografia e Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, 2001.

DELEUZE & GUATARRI. O que é Filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

BRITES, Blanca & Tessler, ELIDA (org). – **O Meio como Ponto Zero.** – **Metodologia da pesquisa em Artes Plásticas.** Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

BACHELAR, Gaston. A psicanálise do Fogo. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANCLINI, Nestor. – **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp,2001.

MAFFESOLI, Michel – **A Contemplação do Mundo.** - Porto Alegre : Artes e Oficio Ed, 1995.

O' DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco. A ideologia do espaço de Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RANCIERE, Jacques – A Partilha do sensível. São Paulo: Editora 34,2005.

SANTAELLA, Lucia – Comunicação e Pesquisa. – , São Paulo : Hacker Editores, 2001.

TASSINARI, Alberto. O espaço moderno. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

POLI, Francesco. Il Sistema dell'arte contemporânea. Roma: Ed. Laterza, 1999.

FREIRE, Cristina. **Poéticas do Processo. Arte conceitual no museu**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1999.

FERVENZA, C. Helio. O + é deserto. São Paulo: Ed. Escrituras, 2003.

DANTO, C, Arthur. A transfiguração do Lugar Comum. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

Sarah Hallelujah Vicentini de Sampaio

Formada na Escola de Belas Artes da UFBa em 2004, trabalha no campo das artes visuais desde o ingresso nessa Escola em 1999, participando dos Salões Regionais da Bahia, Bienal do Recôncavo, exposições individuais e coletivas dentro e fora do Estado da Bahia. Em, 2007, fui premiada com uma menção honrosa no salão regional de Feira de Santana e em 2008 recebeu o prêmio Fundação Cultural do Estado da Bahia no Salão de Itabuna. Atuou como professora Substituta na Escola de Belas Artes, as disciplinas de Cerâmica. Atualmente é mestranda do PPGAV/EBA/UFBA. sarahallelujah@gmail.com; www.flickr.com/photos/sarahallelujah